

Grupo Corpo lota temporada em Nova York

ERIKA PALOMINO

Enviada especial a Nova York

O Grupo Corpo está colhendo em Nova York os dividendos dos 15 anos de dedicação de sua carreira. A cidade é a quarta e penúltima escala de uma turnê que começou no último dia 16 em Tucson, passou por Iowa e Los Angeles e se encerra dia 20 em Saint Louis. É o que se chama aqui de circuito universitário, que está recebendo a companhia melhor do que poderia imaginar uma expectativa muito otimista. Boa recepção aqui quer dizer teatros cheios todas as noites, temporadas estendidas (como aconteceu em NY), espaço na imprensa e críticas extremamente favoráveis nos jornais que importam.

Para se ter uma idéia, o "The New York Times", por exemplo, publicou uma reportagem feita pela correspondente do jornal no Brasil no domingo anterior à estréia da companhia na cidade e depois soltou duas críticas, feitas por diferentes jornalistas, uma para cada programa do Corpo. O primeiro tem "Prelúdios" (85) e a "Missa do Orfanato" (89) e o outro traz "A Criação".

A preferência dos críticos se alterna, mas todos são unânimes diante da qualidade técnica dos bailarinos, do refinamento de iluminação, cenários e figurinos e, sobretudo, diante do talento do coreógrafo Rodrigo Pederneiras. Anna Kisselgoff, do "The New York Times", assistiu "A Criação". Ela diagnosticou bem as dificuldades que constituem a própria estrutura da montagem de "A Criação", mas justamente por isso abriu sua crítica publicada no último domingo dizendo que "Rodrigo Pederneiras é melhor coreógrafo do que se pode pensar à primeira vista".



Experiente, soube interpretar uma dinâmica de trabalho que nem sempre salta aos olhos. O temido Clive Barnes, do "New York Post", achou a "Missa" "muito triste". Jennifer Dunning, que resenhou o primeiro programa do Corpo, gostou do visual e da movimentação da "Missa", mas achou a estrutura repetitiva.

"Fiquei muito surpreso com a receptividade que estamos tendo em Nova York", disse à Folha Rodrigo Pederneiras, 35. Ele tem razão. É surpreendente que uma companhia brasileira, 15 dias antes de sua estréia, já tenha 70% de seus ingressos vendidos para a primeira semana, num período em que se apresentam nomes como Molissa Fenley e Jenniffer Muller, fora as atrações do Next Wave Festival, como a estréia de Bill T. Jones.

Mas parte desses méritos pode ser creditada à boa organização da turnê, comandada por Walter Santos (empresário do Corpo, da Aulus Produções) e pelo diretor do Joyce Theater (onde eles se apresentam em NY), Sheldon Soffer. Outro fator é o próprio peso desse teatro, um dos melhores para a dança na cidade.

O Corpo tem feito bons contatos também. Já houve um convite formal para outra temporada em Los Angeles, em 1992. Para o próximo ano, uma estréia em abril, com uma coreografia de Pederneiras sobre trilha sonora original de Milton Nascimento, que começa a gravar, dia 10 de dezembro, a música toda orquestrada e sem temática. Estão nos planos da companhia também para 91 uma turnê pela Inglaterra, que se estenderia para Portugal, Espanha e França.

GRUPO CORPO - Apresentações da companhia sediada em Belo Horizonte em Nova York. Até domingo no Joyce Theater (175, Eighth Avenue).

A jornalista **ERIKA PALOMINO** viaja sob patrocínio da Varig.



Cena da coreografia "Le Dortoir" (O Dormitório), do grupo canadense Carbone 14, apresentada no festival Next Wave, em Nova York

Carbone traduz juventude em movimento

Da enviada especial a Nova York

O Carbone 14 é um grupo de teatro-dança sediado em Montreal, no Canadá. Com o espetáculo "O Dormitório" fez sua estréia norte-americana, no Next Wave, e dividiu as opiniões do público. Alguns ficaram fascinados por sua concepção cênica limpa, original e extremamente moderna. Outros criticaram a introdução de temas que, se excluídos da montagem, não fariam a menor falta.

Os dois lados da "polêmica" têm razão. O fio central do roteiro é um colégio católico. Como já era de se prever, foi num lugar como esse que o diretor da companhia, Gilles Maheu, passou sua adolescência e parte de infância. O talento de Maheu está no modo como ele coloca as lembranças

em cena. A deficiência são as lembranças em si.

O palco aparece sem coxias. O espectador vê doze camas de metal, distribuídas harmoniosamente. De um lado, um quadro-negro. Ao fundo, uma pia, um vestiário e uma sala de treinar boxe. Acima, janelas com os vidros quebrados. Uma pessoa entra em cena com uma lanterna, iluminando os corredores entre as camas. Sua memória vai longe e é isso que dá início à ação. Como também era de se esperar, é no dormitório que têm lugar as experiências sexuais. Violência, amizade, companheirismo e disputa se alternam. Repressão religiosa e até policial. Rock, revolta na Argélia, o assassinato de John Kennedy (!) e como ser adolescente no Canadá.

Quem vê a montagem acaba desculpando essas ingenuidades diante da beleza dos movimentos e da criatividade com que o diretor dispõe das estruturas cenográficas.

Os movimentos são sempre vigorosos —os 12 bailarinos são muito jovens. Cada gesto vai ao seu extremo. Eles se atiram no chão, se jogam contra paredes, se batem ou se amam com muita intensidade. Algumas cenas beiraram o perigo, como um dos momentos mais bonitos do espetáculo, quando um dos garotos roda uma cama. Dois outros saltam o móvel que rodopia forte e rapidamente. Uma bailarina rola por baixo dela. O risco existe para todos e a emoção do perigo é que excita. É uma perfeita tradução da juventude obtida através do movimento.

FRASES

"Rodrigo Pederneiras é um inventor de movimentos muito inspirado, especialmente no uso dos braços."

(Anna Kisselgoff, no "The New York Times")

"O que há de novo no Brasil? Uma companhia com a resposta"

(Título da crítica de Jennifer Dunning, no "The New York Times")

"'A Criação' traz Rodrigo Pederneiras desafiando seus limites e às vezes os superando."

(Lewis Segall, no "Los Angeles Times")